

Franciele Laura Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O corpo utópico de Michelangelo Pistoletto

Michel Foucault, em *O corpo utópico, as Heterotopias*, vê o corpo como o ponto zero do mundo, um lugar sem lugar onde todos os lugares são possíveis, sejam eles reais ou utópicos. A unidade desse locus foi percebida pelos gregos quando usavam o cadáver para assinalar a completude de uma forma, ou o fim dos “braços erguidos”, dos “peitos intrépidos”. Mais tarde, seria o espelho que, já na tenra idade, nos ensinaria a aparência e os limites de nossa figura. Por fim, não menos importante, há o amor, pois de acordo com o filósofo, é no refluir de um corpo alheio que o nosso se faria inteiramente presente. Com Foucault, podemos dizer que o amor, a morte e o espelho são os mestres do corpo. A vasta obra do artista italiano Michelangelo Pistoletto conflui de modo singular com o pensamento do autor supracitado, guardadas as devidas proporções e apreciando mais as diferenças do que as semelhanças que compõem tal aproximação. O ponto que nos parece oportuno esboçar é como a experiência especular que o artista explora em seu trabalho com a pintura, principalmente o auto-retrato, reflete não a sua própria identidade, mas ao contrário, um outro que não si mesmo. No espelho a pintura de seu próprio corpo em tamanho real transforma o auto-retrato numa obra de arte que está no mundo, mas que é ao mesmo tempo um retrato do mundo, de um mundo possível e ainda em aberto, pois mesmo que a pintura esteja acabada, outras imagens de mundo irão povoá-la.